

Garrafas ao mar

Era o tipo da coisa que exigia uma certa preparação, não podia acontecer assim, sem aviso. Eu saía correndo, trazia uns pacotes de biscoito da cozinha, preparava umas provisões, pegava água, que seria racionada no tempo que viria a passar: horas, dias... Quem sabe? E nem contava com uma bola de vôlei pra me fazer companhia como no filme do Tom Hanks. Até tinha uma bola de futebol meio encostada no canto dela, com a qual até hoje não tenho muita intimidade. Tudo acontecia nessa ordem quando minha mãe gritava da sala que era pra não sair do quarto porque ia encerar o chão. Meu quarto virava uma ilha particular, e nos longínquos anos em que ainda assistia coisas como Power Rangers na tv, ainda não existia twitter pra manter algum contato com o mundo externo, e mensagens na garrafa estavam fora de cogitação. Não consigo parar de pensar que muita coisa mudou nos últimos carnavais (menos os axés que são praticamente conjurados espontaneamente nessa época do ano pra castigar nossos ouvidos pelos próximos meses até a exaustão) mas a imagem do jovem “ilhado” continua a mesma. Me lembro de um texto do Drummond chamado “Robinson Crusoé”, sobre o menino (e provável alter-ego) que depois se dava conta de que sua infância era mais bonita que história de Robinson Crusoé. Será que nós podemos dizer o mesmo? A cultura de condomínio foi a verdadeira babá da nossa geração... Nós, meninos de apartamento, que soltamos pipa com ar-condicionado e jogamos bola de gude no carpete. Tudo muito cômodo, tudo muito fácil, tudo muito preso e vigiado. As redes sociais são as mensagens nas garrafas de hoje, desesperadamente atiradas ao mar esperando por resposta. E nós, naufragando lentamente, as barbas aparecendo, ilhados pelos oceanos de pisos encerados... Os prédios são como o mundo quadrado em que os antigos navegadores achavam que viviam: plano, com seus limites muito bem delineados. E as redes de segurança nas janelas nos impedindo de cair no vazio do inexistente. Os monstros à espreita em cada tempestade, esquina, em cada sinal vermelho: armados com garras, dentes e pistolas automáticas. E assim, nós ficamos em nossas janelas, encostados em coqueiros das nossas ilhas particulares, sentados no chão de grama sintética dos parquinhos: a ver navios, a ver os carros, a lançar “tweets” em garrafas esperando um resgate que nunca vêm. Enquanto as espinhas vão.

Pedro Malta